

**AMARRANDO TECIDOS E DESATANDO PRECONCEITOS: BONECAS
ABAYOMI COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA E
CULTURA AFRICANA***

FERNANDA SOARES DE OLIVEIRA**

O presente texto tem por objetivo descrever e refletir sobre uma oficina de bonecas abayomi realizada no ano de 2015 numa escola de ensino fundamental da rede pública de Vitória da Conquista-BA. Ela se constituiu como uma das atividades promovidas pelo projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura Africana” realizado pelo subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Tal projeto se efetivou como resposta à Lei Federal nº 10.639 sancionada em 2003 e inseriu-se no contexto escolar objetivando conduzir os educandos a uma maior compreensão, respeito e valorização da história e a cultura africana e afro-brasileira, bem como a promoção de uma maior reflexão acerca da diversidade social e étnica, pretendendo combater o racismo, a discriminação e o preconceito tão presentes nas relações dos sujeitos educativos e, portanto, nas práticas pedagógicas das escolas.

É evidente que nossa sociedade é marcada pelo racismo e conservadorismo, onde as minorias encontram-se na base da pirâmide social, refletindo assim, na discriminação que atinge de forma cruel negros e indígenas. Isso se explica desde as raízes do Brasil, onde o evento da colonização e suas repercussões deixaram uma herança discriminatória e etnocêntrica no terreno das mentalidades, com isso, o legado racista se propagou ao longo da história e precisa ser combatido diariamente. Munanga (2005, p.15) ressalta que

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação delas resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional.

À vista disso, notamos que mediante a educação, empreendida numa perspectiva libertadora de tomada de consciência, o panorama do racismo estabelecido em nossa sociedade pode ser modificado. Afinal, as escolas são espaços compostos pela diversidade cultural, social, étnica,

* Trabalho fruto das ações do PIBID/HISTÓRIA da UESB, projeto financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

** Graduanda do curso de História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e bolsista do programa PIBID da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
fernandasoaresdeoliveira@hotmail.com

sexual e de gênero constituindo-se como ponto de encontro, bem como de embate das diferenças. Diante dessa realidade os educadores devem promover a reflexão acerca das diversidades e pluralidades, afim de transformar o espaço escolar em um ambiente de desconstrução de preconceitos, prevenção da exclusão social e promoção da igualdade. Isso deve ser realizado mediante o desenvolvimento de atividades e estratégias que estimulem o pensar pluralista, diversificado e transgressor das práticas alienantes e cristalizadas.

A lei 10.639 promulgada em 2003 alicerçou-se nessa expectativa, estabelecendo-se como provedora de ações afirmativas para a inclusão de forma digna do negro na sociedade. A referida lei estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições públicas e privadas de ensino médio e fundamental, devendo ser contemplada pelas disciplinas de Literatura, História e Educação Artística. Afirma no seu parágrafo 1º do artigo 26-A que deve ser inserido dentro do conteúdo programático “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003).

Pirini e Bellé (2011) destacam a necessidade de transmitir e a valorizar as diversas culturas e incluí-las no currículo escolar, desenvolvendo, assim, uma consciência crítica em nossa sociedade. Ressaltam que é preciso “buscar, com o apoio da escola, caminhos que nos conduzam a uma situação social mais justa, que contemplem as muitas culturas de nosso país, dando atenção às “minorias”, às diferenças de gênero, de classe, de raça e de etnia”. Nas palavras de Botelho:

Aspectos da cultura afro-brasileira precisam ser percebidos e explorados por todos e todas que participam do sistema educacional brasileiro, como estratégia para minimizar os preconceitos, as discriminações e o racismo que imperam em nossa sociedade atingem, sobretudo, estudantes negros e negras de nosso país (BOTELHO, 2007, p. 178).

Nosso sistema educacional, bem como nossa sociedade de uma maneira geral, seja pelos meios de comunicação em massa, seja pelos mais variados viés, se acostumou a supervalorizar a cultura europeia e estadunidense, fechando os olhos para o conhecimento e valorização das manifestações de cultura provenientes de outros lugares do globo. Além disso, foi criada uma repulsa a tudo que diz respeito ao continente africano, sejam seus

indivíduos naturais ou descendentes, suas religiões ou suas manifestações culturais. A África foi estigmatizada e coberta de preconceito, em decorrência disso os afro-brasileiros são vítimas de discriminação e exclusão social cotidianamente. O educador deve trabalhar no sentido oposto, contemplando as culturas não dominantes, apresentando aos discentes aqueles que foram excluídos da história, afim de desenvolver a consciência crítica, o respeito as minorias e a valorização da pluralidade de riquezas culturais da humanidade.

É necessário que esse trabalho seja realizado de maneira didática, afim de que seja absorvido pelos discentes. Pensando nisso o subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID realizou o projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura Africana”, delineando diversas estratégias para conduzir os educandos a uma maior compreensão, respeito e valorização da história e a cultura africana e afro-brasileira, bem como a promoção de uma maior reflexão acerca da diversidade social e étnica, e a desconstrução de qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Dentre as estratégias adotadas pelo projeto para alcançar as metas traçadas podemos destacar o desenvolvimento de trabalhos de movimentação corporal, como teatro e dança; a realização de aulas oficina ministradas pelas bolsistas; a exibição de filmes e comentários realizados por professores convidados, onde os educandos puderam ver a África através das lentes cinematográficas e posteriormente escrever sobre essa experiência; o estudo, experimentação e torneios de jogos de tabuleiro provenientes do continente africano, bem como a confecção artesanal desses tabuleiros; a produção de histórias em quadrinhos e de bandeiras de países africanos; a realização de um sarau de poéticas e cantares africanos, onde os discentes estudaram sobre poetas naturais de países da África e poetas negros do Brasil e declamaram suas poesias; a realização de uma oficina de bonecas de pano abayomi; entre outras atividades. Neste texto nos atentaremos para a descrição e reflexão dessa última. As ações do projeto foram atreladas à ludicidade, onde recorreremos aos jogos e a arte, em suas variadas expressões, para atrair a atenção dos estudantes, levando-os a refletir questões mais complexas.

A oficina de bonecas abayomi foi uma das estratégias didáticas adotadas pelo projeto por constituir-se elemento nato da África, apresentando-se como um recurso válido e precioso, pois valoriza a cultura africana e contribui para o reconhecimento da cultura afro-brasileira,

uma vez que faz parte da herança cultural dos negros africanos para o Brasil. Costa; Rodrigues; Santos e Silva (2015, p.2) ressaltam que

Essas bonecas que são feitas de pedaços de tecidos preto, constituem uma ação didático-pedagógica que pode permear pelos caminhos da História num trabalho de construção e/ou resgate de identidades culturais, uma vez que, parte do princípio da ruptura de conceitos estéticos hegemônicos.

Abayomis são bonecas negras produzidas com materiais reaproveitados, como tecidos e malhas. Sua técnica de confecção consiste na amarração de tecidos com nós e/ou tranças sem uso de cola, costura ou qualquer estrutura rígida interna (madeira arame, etc.). Nas indumentárias as fitas, bordados, restos de bijuterias e miudezas, garantem o requinte do acabamento. A boneca não possui demarcação de olho, nariz, nem boca, afim de favorecer o reconhecimento da identidade das múltiplas etnias africanas.

Para alguns estudiosos a boneca Abayomi teve origem nos navios negreiros, onde as mulheres rasgavam parte de suas vestes e confeccionavam pequenas bonecas somente com nós para acalantar as crianças durante as terríveis viagens, servindo também como amuleto de proteção. A palavra abayomi tem origem yorubá e significa encontro precioso: abay=encontro e omi=precioso, podendo também significar aquele que traz felicidade ou alegria. O ato de presentear alguém com uma abayomi é revestido de uma simbologia, denotando que a pessoa que a presenteia está oferecendo ao outro o que tem de melhor.

A despeito da narrativa supracitada, a origem documentada das bonecas abayomi se dá em 1988 com a artesã Waldilena Martins, educadora popular, militante no Movimento de Mulheres Negras. Ela fundou, juntamente com outras mulheres, uma Cooperativa Abayomi, afim de dar ênfase ao resgate da identidade negra, fazendo da arte popular um instrumento de conscientização, resistência e sociabilização. O objetivo da cooperativa, como ressaltam Escobar e Gottert (2010, p.2), é “estimular as relações de cooperação e generosidade, para o fortalecimento da auto-estima e reconhecimento da identidade afro-brasileira de negros e descendentes, buscando superar as desigualdades de gênero e integrando a memória cultural brasileira”.

As bonecas Abayomi abarcam uma questão mais ampla que a arte ou o artesanato, como destacam Escobar e Gottert (2010, p.1-2) “Abayomi não é uma pessoa ou apenas uma boneca

de pano, não é somente uma técnica ou simplesmente uma teoria, ela é movimento daqueles que com ela conhecem e interagem com a sua própria história e a do seu povo”. Ou como aponta a artesã e militante Lena Martins (2010), as abayomi são “uma bandeira poética”.

Ensinamos arte não meramente para capacitar crianças a fazerem quadros artisticamente [ou para confeccionar bonecas de pano, somente], ou para determinar se um objeto é suficientemente bom para justificar a apreciação e o reconhecimento, mas, sim, para capacitar os estudantes a penetrar, sondar, compreender uma obra de arte. A compreensão é atingida por meio da interpretação, na qual a obra é vista em relação ao contexto em que está situada (EFLAND, 2005, p. 187).

Além dos aspectos supracitados, a proposta de trabalho com as bonecas abayomi rompe com conceitos hegemônicos e estabelece um diálogo com a Nova História, cuja tendência é conhecer a história dos indivíduos comuns que são costumeiramente marginalizados das narrativas históricas. Sob o prisma da Nova História, a didática vai além dos textos convencionais, possibilitando que a História seja trabalhada em sala de aula de forma lúdica, rompendo com os grilhões da linguagem tradicional. Ernesta Zamboni (1998) enfatiza

a existência de inúmeras outras linguagens que produzem também outras representações utilizadas em sala de aula e que são diretamente voltadas para a produção e compreensão do conhecimento histórico, principalmente em uma sociedade imagética como a nossa, caracterizada pela comunicação de massa, pela força das imagens produzidas para e pela televisão.

Diante do exposto, notamos a necessidade de inserção de novas metodologias na prática docente, e a proposta de trabalho com a boneca abayomi é uma alternativa eficiente para a satisfação dessa carência, em especial no que tange o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, sendo que esse foi lançado à margem dos discursos históricos pela historiografia tradicional. Além do mais, é importante destacar que as bonecas abayomi contribuem significativamente para a construção de uma aprendizagem prazerosa, onde o lúdico constitui-se como uma ferramenta eficaz para a participação interativa, ultrapassando as atividades rotineiras e muitas vezes maçantes das escolas.

É por este motivo que, trabalhar as relações étnicas raciais por meio da construção das bonecas *abayomi*, abre possibilidades para novas situações pedagógicas em que o aluno possa construir valores, transformar pensamentos discriminatórios, sem imposições. Construir seus conhecimentos e acima de tudo exercer seus atos de cidadania, compreendendo que somente pelo respeito ao próximo criará novos significados para transpor barreiras que ainda persistem nos espaços escolares acerca das relações étnicas raciais. (CRUZ; SILVA, 2012, p.4)

A oficina de bonecas abayomi promovida pelo projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura Africana” foi aplicada nas turmas do ensino fundamental II no ano de 2015 no Centro Municipal de Educação Professor Paulo Freire (CAIC) pelos bolsistas e professora supervisora do subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista.

O projeto ofereceu também outras oficinas, como teatro, dança, paródias/músicas e histórias em quadrinhos. Os educandos foram distribuídos entre elas de acordo com suas preferências. Inicialmente os meninos demonstraram resistência ao se inscrever na oficina de bonecas abayomi, provavelmente por conta dos receios e preconceitos incutidos na sociedade pela cultura sexista, onde boneca é considerada “coisa de menina”. A separação dos brinquedos por gênero é uma prática que pode afastar as crianças de muitas experiências enriquecedoras e importantes para sua formação humana, além de acarretar no reforço estereótipos machistas.



A resistência inicial dos meninos para com a oficina de bonecas abayomi foi quebrada a partir do momento em que o primeiro garoto se inscreveu, sendo que, inicialmente, só haviam meninas inscritas, mas o fato de um garoto ter demonstrando interesse foi contagiante e encorajador para os demais, sendo que o quadro mudou completamente a partir de então.

A oficina foi realizada primeiramente com os alunos do 8º ano do ensino fundamental, em seguida foi a vez dos educandos do 9º ano, afim de não tumultuar o ambiente com um número muito grande de discentes. A dinâmica adotada consistiu de leitura inicial de um texto a fim de explicar a história das bonecas abayomi. Em seguida, foi realizada uma discussão com os estudantes acerca do sentido da atividade dentro do projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura Africana”. Logo no início já pudemos notar uma grande

empolgação por parte dos educandos para com a atividade.

Alguns discentes associaram a imagem das abayomi a representação dos bonecos de vodu utilizados em alguns rituais religiosos e que povoam o imaginário popular como algo associado a zumbis e filmes de terror, propagando assim uma mentalidade exótica e até mesmo diabólica, considerando o maniqueísmo advindo do cristianismo que domina majoritariamente a crença dos discentes em questão. Mas explicamos que as abayomi não têm relação com os bonecos de vodu, nem mesmo possuem caráter religioso, apesar dos povos africanos serem intimamente ligados a religiosidade.

Trabalhar com a temática africana na instituição foi uma tarefa desafiadora, tendo em vista o preconceito e a resistência de alguns educandos, especificamente provinda de seus pais, que devido as crenças religiosas não permitiam que seus filhos participassem de boa parte das atividades.

Após os diálogos e discussões iniciais realizamos um tutorial com os discentes, explicando e demonstrando a eles como confeccionar as bonecas de pano abayomi. Por fim, os educandos colocaram as mãos na massa, ou melhor, nos tecidos e tesouras, e com bastante criatividade e capricho foram produzindo suas bonecas, verdadeiras obras de arte. No decorrer da oficina



Foto 3: Discentes confeccionando bonecas



Foto 4: Discentes confeccionando bonecas

pudemos notar o entusiasmo dos educandos para com a atividade e muitos deles acabaram criando uma relação de afeto com suas bonecas.

No final da oficina pudemos perceber o brilho no olhar dos discentes ao verem o resultado do



que produziram. Recolhemos as bonecas, que nos foram entregues com um certo pesar, pois os alunos se afeiçoaram a elas e queriam levá-las para casa logo, mas tiveram que deixá-las para que fossem expostas no evento realizado na culminância do projeto. Esse evento ocorreu no auditório da escola uma semana após a oficina. Lá foram expostos os materiais produzidos pelos estudantes ao longo do ano, como as bandeiras de países africanos, histórias em quadrinhos, desenhos, tabuleiros do jogo africano yoté e as bonecas abayomi. Também foram apresentados os resultados das oficinas de teatro e dança, com encenações e coreografias. Os resultados da oficina de bonecas abayomi foram apresentados por meio de uma exposição e da realização de um desfile, onde algumas de educandas desfilaram no palco com as bonecas.

A oficina de boneca abayomi apresentou-se como um recurso válido e precioso, pois englobou questões mais amplas que a construção de uma simples boneca, contribuindo para a valorização da cultura africana e para o reconhecimento da cultura afro-brasileira, uma vez que faz parte da herança cultural dos negros africanos para o Brasil. Além disso, a proposta

Foto 5: Exposição de bonecas abayomi

Foto 6: Desfile de bonecas abayomi

ro
mp
eu

com conceitos hegemônicos, estabelecendo um diálogo com a Nova História, cuja tendência é conhecer os indivíduos comuns que são costumeiramente marginalizados das narrativas históricas. Também contribuiu para o fortalecimento da autoestima e empoderamento feminino, sendo que nossa sociedade está voltada para o culto ao padrão de beleza irreal que se apresenta inclusive nas bonecas, que são, na maioria das vezes, brancas, loiras, de olhos azuis e magras.

O trabalho das relações raciais na sala de aula é de grande importância, pois a necessidade de amenizar o preconceito nas escolas é latente, e as abayomi representam um instrumento auxiliador do educador na práxis docente, demonstrando que é possível trabalhar a temática da cultura africana e afro-brasileira de maneira frequente, não apenas no dia da Consciência Negra, como costuma acontecer em algumas instituições.

As atividades realizadas ao longo do projeto proporcionaram uma mudança de postura dos educandos diante da África. Por meio das oficinas conseguimos atrair a atenção dos estudantes, levando-os a refletir questões mais complexas, como respeito e tolerância, bem como ampliar seus conhecimentos acerca da história e a cultura africana e favorecendo o fortalecimento de sua autoestima.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

BOTELHO, D. M. Lei 10639/2003 e educação quilombola: inclusão educacional e população negra brasileira. Salto para o Futuro (Online), v. 10, p. 34-39, 2007. In.: SILVA, José Romário Araújo da. Políticas Afirmativas de Inclusão: Relatos e Experiências na Creche Pedacinho do Amor- Gurinhém- PB. 2014

COSTA, F. L.; RODRIGUES, R. P. A.; SABINO, R.; SANTOS, P. S. As Bonecas Abayomi e as Novas Sensibilidades Históricas: Possibilidades para uma Educação Anti-Racista. 2015.

Disponível em:

<http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/Pesquisar_4/T%202.2%20AS%20BONECAS%20ABAYOMI%20E%20AS%20NOVAS%20SENSIBILIDADES%20HIST%20C3%93RICAS%20POSSIBILIDADES%20PARA%20UMA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20ANTI-RACISTA.pdf> no dia 6 de setembro de 2016

CRUZ, C. da S.; SILVA, D. S. Bonecas Abayomi: Uma Proposta Lúdica Para Trabalhar as Relações Étnicas Raciais Na Escola. 2012. Disponível em:

<http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acer vo/docs/2587p.pdf> no dia 5 de setembro de 2016

ESCOBAR, Giane Vargas; GOTTERT, Marjorie Ediznez dos Santos. A essência revolucionária em Abayomi: uma boneca negra de pano em movimento. In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010. ISSN: 21784981. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4078707-A-essencia-revolucionaria-em-abayomi-uma-boneca-negra-de-pano-em-movimento-1.html>> no dia 6 de setembro de 2016

EFLAND, Arthur D. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. In: PIRINI, Janini Alessandra; BELLÉ, Larissa Antonia. Bonecas Abayomi e Duchamp: Reflexões Multiculturais A Partir De Um Currículo Inclusivo. 2011

ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. Rev. bras. Hist. Vol. 18 n.36. São Paulo, 1998. In.: COSTA, F. L.; RODRIGUES, R. P. A.; SABINO, R.; SANTOS, P. S. As Bonecas Abayomi e as Novas Sensibilidades Históricas: Possibilidades para uma Educação Anti-Racista. 2015.

LEI 10.639/03 – Parecer CNE nº 3/4. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília, MEC, 2005.

PIRINI, Janini Alessandra; BELLÉ, Larissa Antonia. Bonecas Abayomi e Duchamp: Reflexões Multiculturais A Partir De Um Currículo Inclusivo. 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/janine_alessandra_perini.pdf> no dia 6 de setembro de 2016

SILVA, Sonia Maria da. **Experiência Abayomi: Coletivos, Ancestrais, Femininos, Artesaniando Empoderamentos**. 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19576.pdf>> no dia 5 de setembro de 2016